



DESASTRES DAS ÁGUAS NA AMAZÔNIA PERUANA EM DOIS CONTOS DE FRANCISCO IZQUIERDO RÍOS



WATER DISASTERS IN THE PERUVIAN AMAZÔNIA IN TWO TALES BY FRANCISCO IZQUIERDO RÍOS

IRISVALDO LAURINDO DE SOUZA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 25/06/2021 • APROVADO EM 30/08/2021

Abstract

This paper analyzes the short stories **La lloclada** and **Cielo sin nubes** by the Peruvian writer Francisco Izquierdo Ríos. It argues that in both the fractures arising from the water phenomena of the Amazon Basin are constituted under the paradigm of disaster, whose framework is that of alterity and solidarity, and not under the paradigm of catastrophe, which has as its framework the exception of law and barbarism.

Resumo

Este trabalho analisa os contos **La lloclada** e **Cielo sin nubes** do escritor peruano Francisco Izquierdo Ríos. Argumenta que em ambos as fraturas decorrentes dos fenômenos das águas da Bacia Amazônica constituem-se sob o paradigma do desastre, cujo marco é o da alteridade e da solidariedade, e não sob o paradigma da catástrofe, que tem como marcos a exceção do direito e a barbárie.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Amazon. Short stories. Water phenomena. Disasters. Francisco Izquierdo Ríos.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Contos. Fenômenos das águas. Desastres. Francisco Izquierdo Ríos.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Desenvolvidos pela filosofia, pela sociologia e pela ciência política, os conceitos de desastre e catástrofe têm grandes serviços a prestar à análise literária. Interrelacionados e até mesmo complementares, esses dois paradigmas induzem a hermenêutica da escrita que agencia para o texto literário as grandes e “pequenas” tragédias da modernidade, seja ele de base ficcional, testemunhal ou híbrida. Nos contos do escritor peruano Francisco Izquierdo Ríos que são objetos de análise deste trabalho, **La lloclada** e **Cielo sin nubes**, vou tomar como referência teórica basicamente a noção de desastre. Antes, porém, proponho uma breve reflexão sobre os dois conceitos.

A investigadora Tânia Sarmiento-Pantoja (2014) faz um cotejo crítico e oportuno dos paradigmas de catástrofe e de desastre. Vai buscar no pensamento filosófico de Walter Benjamin e Giorgio Agamben os fundamentos teóricos do primeiro. Os do segundo, na sociologia de Enrico Louis Quarantelli e na teoria das catástrofes proposta pelo matemático francês René Thom. E entre uma noção e outra Sarmiento-Pantoja aponta a seguinte diferença de escala.

Desastre seria um evento localizado em um tempo-espaco determinado e relacionado a um perigo iminente e à destruição, experimentados por uma comunidade. Apresenta grande impacto sobre os serviços essenciais, o patrimônio material e o ambiente, com possibilidade de haver perda, dispersão humana ou mesmo extinção da espécie. A catástrofe por sua vez apresentaria todas essas singularidades, mas em níveis de magnitude muito mais amplos e com grande potencial de perdas humanas. A combinação entre a noção de mundo desregulado e destruição total gera grande abalo comunitário e a ideia de que o mundo conhecido não voltará a sê-lo, após a catástrofe [...]. (SARMENTO-PANTOJA, 2014, p. 166-167, grifos meus)

Observemos que para Sarmiento-Pantoja (2014) o ponto de ruptura entre os dois conceitos é, de um lado, a possibilidade de reversão de impactos e prejuízos implícita no desastre, e, de outro, a total impossibilidade de o “mundo conhecido” voltar a ser como era antes de uma catástrofe. Com Quarantelli e Thom, a autora raciocina que o desastre admite a retomada, a recuperação de perdas materiais e até mesmo de fraturas psicossociais impostas aos sujeitos. Em outras palavras, a continuidade da vida ainda é possível após o desastre. Já a catástrofe impõe descontinuidade. Em sua magnitude exacerbada, o dia a dia é posto de cabeça para baixo, as vidas viradas pelo avesso com sofrimento, trauma e morte. A catástrofe vai ao limite da experiência e, muitas vezes, da própria existência humana.

Em sua teoria sociológica, Quarantelli (2015, p. 32) também aponta o que chama de “diferenças comportamentais tanto qualitativas e quantitativas nas referências entre os dois termos” – desastre e catástrofe. E os demarca com a seguinte linha divisória: o desastre ainda permite a solidariedade entre indivíduos e comunidades, o socorro às vítimas pelo Estado; a catástrofe não. O sociólogo norte-americano pensa inclusive que a experiência do desastre pode ser memorável, compartilhada política, pedagógica e decerto esteticamente entre sujeitos. Já a catástrofe recalca a experiência, cristalizando-a para que resista à memória ferida pelo excesso de realidade e bloqueando a sua própria representação, como assinala Márcio Seligmann-Silva (2000), apoiado na teoria do trauma na psicanálise.

Diante dessa clivagem entre as noções de desastre e catástrofe, Sarmiento-Pantoja (2014) considera a primeira bastante apropriada para a investigação de fenômenos e desastres ambientais, cosmológicos ou mesmo tecnológicos, como propõe Quarantelli (2015), no âmbito das ciências humanas e da expressão literária. Já a segunda deve ser reservada para pensar a catástrofe como lugar de choque perante a barbárie na temporalidade vigente, ou seja, na modernidade tardia eivada de guerras, perseguições, torturas, genocídios e massacres. Ademais, “[...] a Catástrofe sempre se encontra no interior da Exceção e por isso deve ser compreendida como a precipitação da experiência para fora da norma e do familiar. Nesses termos, a Catástrofe suscita, pela extinção do comum, uma experiência partida”, afirma Sarmiento-Pantoja (2014, p. 167).

Em sintonia com os autores citados, infiro que também devemos considerar a possibilidade de intersecção entre os paradigmas de desastre e catástrofe. Lembrando que uma das dinâmicas possíveis entre ambos é a do agravamento de uma situação inicial de desastre para além de seus próprios marcos empíricos e epistêmicos.¹ Como já foi dito, o marco do primeiro é o da alteridade e da solidariedade possível entre sujeitos. Já o marco da catástrofe é o da barbárie, consequência do estado permanente de exceção na modernidade, sintomático da falência do processo civilizatório, como argui Eric Hobsbawm (2013), e a partir do qual o meio ambiente, a vida humana e todas as formas de vida têm seu valor esvaziado, tornando-se matáveis e descartáveis. Assinalemos, entretanto, que o desastre, podendo alcançar os extremos da anomia e da exceção do direito, constitui sempre – ou ao menos em princípio – uma potência de catástrofe. E lembremos ainda que, se o desastre pode originar-se de causas naturais, como os fenômenos das águas na Bacia Hidrográfica Amazônica, a exemplo do que ocorre no *corpus* deste trabalho, a catástrofe é um evento sociopolítico por excelência, ou seja, engendra-se especificamente na trama das relações sociais.

1. REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA E DO SUJEITO AMAZÔNICOS EM *LA LLOCLADA E CIELO SIN NUBES*

¹ O terremoto que destruiu Lisboa em 1755 é um exemplo de desastre natural que, ao deflagrar uma grave crise humanitária, redundou em catástrofe sociopolítica.

O escritor Francisco Izquierdo Ríos nasceu em 1910, em Saposo, na província de Huallaga, no Peru. Morreu em Lima, em 1981. Foi contista, romancista, poeta, ensaísta, educador e funcionário público. Publicou mais de vinte livros. Originário da Amazônia peruana, representou a vida ribeirinha e o ambiente da floresta numa literatura de viés regional, em prosa e poesia, para a qual tomou como fonte o imaginário mítico e a cultura popular. Significa dizer que a representação literária da natureza e do sujeito amazônicos orienta-se, em sua obra, pelo vetor da tradição. Para Izquierdo Ríos, que também se destacou como autor infantojuvenil e pesquisador de folclore, a Amazônia é o *locus* e o *tópos* relevantes. Em 2010, em comemoração ao centenário de seu nascimento, a Universidad de San Marcos, por iniciativa da Facultad de Letras y Ciencias Humanas, em Lima, iniciou a reedição de sua obra completa. O primeiro tomo – fonte bibliográfica deste trabalho – foi dedicado aos contos e poemas do autor.

É importante assinalar que a obra de Ríos não é a única disponível para investigar-se a representação ou “poética das águas” na Amazônia Andina em geral e em particular no Peru, país de fisiografia tripolar assentado entre a zona costeira do Pacífico, a Cordilheira dos Andes e a planície amazônica. Também podemos citar, dentre outras, a obra de José Maria Arguedas, romancista e antropólogo de quem Izquierdo Ríos era próximo, autor de **Os rios profundos**, e Mario Vargas Llosa, em cuja obra figuram **O falador e Pantaleão e as visitadoras** – o primeiro ambientado no altiplano peruano, os dois últimos na floresta amazônica. A opção por Izquierdo Ríos neste trabalho decorre principalmente de dois fatores: a escolha do conto como gênero preferencial para a minha pesquisa literária, e a descoberta, em sua contística, de duas histórias curtas que têm como núcleo narrativo os desastres das águas na Bacia Fluvial Amazônica,² *tópos* de baixa incidência nas literaturas de línguas espanhola e portuguesa na Pan-Amazônia.

O primeiro conto de Izquierdo Ríos estudado neste trabalho chama-se **La llocllada**.³ Integra a coletânea **Selva y otros cuentos**, publicada em 1949. Ainda não foi traduzido para o português. Gira em torno de uma *llocllada* que redundava em tragédia. Certo dia os moradores de Saposo, na província de Huallaga, levaram um grande susto: as águas do Rio Saposo e as do riacho Serrano amanheceram vermelhas como sangue. A bacia do Rio Huallaga – um dos formadores do Marañón, que flui para o Ucayali, que já é o Amazonas em curso inicial – transbordou. Ruas, estradas e plantações inundaram-se. A água escalou os tabuleiros das pontes. Animais foram arrastados pela correnteza, morrendo afogados. Engolfados pelo barro, os peixes também boiavam sem vida, aos milhares. Nas choças ribeirinhas arrastadas pelo turbilhão das águas, uma procissão de cadáveres: homens, mulheres, crianças. Até um animal estrambótico e

² Os fenômenos das águas na Amazônia incluem a *enchente*, provocada pelo aumento da vazão dos rios, o que faz com que as águas transbordem de seus canais e alaguem as áreas adjacentes às ribanceiras; a *terra caída*, que vem a ser o desmoronamento progressivo das próprias ribanceiras devido ao atrito da correnteza; a *llocllada*, provocada pelo desmoronamento das encostas dos Andes que faz os rios transbordarem de lama e lodo, matando os peixes por asfixia, destruindo plantações, aldeias ribeirinhas e ceifando vidas humanas; e ainda o fenômeno fluviomarinho conhecido no Norte do Brasil como “pororoca”, violento e destruidor, causado pelo embate entre as marés altas do oceano – marés de sizígia – e as cheias dos rios amazônicos.

³ Em espanhol, os substantivos *lloclla* e *llocllada* derivam da língua pré-colombiana quéchua (HOLGUIN, 1952). Não têm tradução para o português.

inenarrável – um monstro? – foi visto debatendo-se em desespero rio abaixo. E quem conta tudo isso, em terceira pessoa, é um narrador sábio e memorioso que tece a cadeia dos fatos como quem discursa para uma plateia.

O segundo conto de Izquierdo Ríos intitula-se **Cielo sin nubes** [*Céu sem nuvens*, em tradução livre]. Foi publicado no Peru em 1967 como parte do livro **Sinti, El Viborero** (a coletânea **Chove em Iquitos**, da Editora Clube do Livro, lançada no Brasil em 1975, traz uma versão compacta em português⁴). Narra em terceira pessoa a história do ribeirinho Feliciano Cárdenas e de sua família, também moradores da bacia do Huallaga. Num dia que amanhecera belo, porém agourado por anuns que voavam baixo e projetavam sombras na floresta, o rio transbordou de repente inundando as terras interiores. Soterrou a chácara de Feliciano. Obrigou-o a evadir-se de seu lugar de viver com a mulher e os filhos. O motivo da súbita enchente? Chuvas torrenciais nas cabeceiras andinas. E, no rastro de tão grande enxurrada, dor e desolação: fome, sede, lama, lodo, animais mortos, benfeitorias perdidas, cadáveres levados pela correnteza.

A primeira análise que eu gostaria de empreender diz respeito à representação do sujeito nas duas narrativas de Izquierdo Ríos. Em **Cielo sin nubes**, observo um procedimento recorrente na forma como o amazônida figura. Quero dizer que o conto dá visibilidade ao sujeito amazônico em seu recorte mais típico, ou seja, o homem que vive isolado com a família num furo, ilha, paraná ou mesmo à margem de um dos enormes caudais da “cuenca”. Um retrato arquetípico em alto grau: o ribeirinho solitário e dependente do extrativismo primário para sobreviver. Dependente, sobretudo, das ações da natureza cujos ciclos ditam o próprio ritmo de sua existência nas paragens mais longínquas da floresta.

Já em **La llocllada** a representação do sujeito sai do recorte minimalista e cristalizado do ribeirinho isolado com sua família nuclear. É muito mais amplo e complexo. A falta de uma individualidade significativa é compensada pelo notório esforço de construção de um sujeito coletivo no conto. Se há um único personagem singular em **La llocllada**, com traços individualizados, é a própria natureza. O fator humano, conforme observei, figura no plural: a comunidade de Saposoa representada por sujeitos sociais sem nomes, sobrenomes ou traços individuais, entrevistados genericamente como estudantes, pescadores, agricultores e idosos. É nesse contexto de representação coletiva que cabe ao narrador dar voz a uma memória plural constituída de recordações vinculadoras e impregnadas de pertencimento. E ele o faz com a sabedoria e a autoridade dos narradores pré-modernos (HALBWACHS, 1990; BENJAMIN, 2012). Mas, a exemplo do que ocorre em **Cielo sin nubes**, nesta outra narrativa, constituída de reminiscências, as ações da natureza não apenas precedem os atos humanos como estabelecem o próprio campo simbólico dominante, o núcleo de potência de **La llocllada**. E assim o amazônida figura outra vez a reboque da desordem cosmológica que se abate sobre a Bacia do Huallaga, ainda que Izquierdo Ríos se esforce, em **La llocllada**,

⁴ São muitas as diferenças entre o texto original de **Cielo sin nubes** e a tradução/versão brasileira intitulada “Sob as primeiras estrelas”. Cortes nos parágrafos amputaram passagens inteiras do enredo e abreviaram a narrativa. O original em espanhol tem 53 parágrafos. Já a tradução de Armando Pacheco soma apenas 29. A pesquisadora Lílian Nascimento (2020) também critica a simplificação de vocabulário, e anota que a Editora Clube do livro sequer avisa o leitor sobre essas mudanças.

para dar visibilidade ao sofrimento humano (*pathos*), retratando-o em crianças, homens e mulheres aterrorizados pela enchente de aluvião.

A grande visibilidade das ações da natureza nas duas narrativas de Izquierdo Ríos, a qual se sobrepõe aos próprios atos humanos, como foi dito, é indicativa da estética neonaturalista adotada pelo autor. Um neorealismo mimético de viés regionalista no exercício do qual o escritor peruano ainda revela alguma dificuldade em dar voz própria aos “seres de papel”, explorando-lhes e expondo-lhes os sentimentos e as sensações provocadas pelos fenômenos das águas. Devemos, entretanto, considerar que o narrador de Izquierdo Ríos já não é o narrador naturalista clássico que se mantinha ausente da enunciação e que, em sua objetividade científica e excessos descritivos, excluía o povo da narrativa literária (PELLEGRINI, 2018). Pelo contrário, inferimos que o autor empreende movimentos de inclusão do sujeito amazônico em sua escrita ficcional. Esse, aliás, é um ponto crucial de seu projeto literário. A vasta fortuna crítica de Izquierdo Ríos, fundador da literatura de selva e da novela urbana no Peru (ÁLVAREZ, 2019), registra que ele toma como matéria-prima, como já dissemos, tanto elementos da tradição oral de povos indígenas como de caboclos e ribeirinhos. E é com esse conteúdo que agencia uma “[...] representação geográfica da Amazônia, sem esquecer a visão de mundo e os sentimentos dos seus habitantes. [E] sua importância reside em permitir-nos conhecer o imaginário e as categorias próprias do pensamento amazônico”, como observa Gladys Flores Heredia na apresentação do primeiro tomo de sua obra completa.⁵ Nos contos em análise, um dos recursos que Izquierdo Ríos utiliza para isso é o discurso indireto livre, principalmente em **Cielo sin nubes**, o qual lhe permite perscrutar a subjetividade de seus personagens. O narrador dá nota, por exemplo, que diante da enchente que destruíra a próspera chácara de Feliciano Cárdenas num afluente do Rio Huallaga, a esposa do ribeirinho, mesmo desolada e amedrontada, ainda mantinha a esperança de que nem tudo estava perdido para a sua família: “Apesar de tudo, Romélia tinha uma vaga esperança de salvação. Não sabia como, mas alentava essa recôndita esperança” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 508, tradução minha)⁶. Já em **La lloclada**, na ausência de individualidades (e consequentemente de subjetividades) significativas, como foi dito, delinea-se uma intersubjetividade que vincula socialmente os atores sociais de uma comunidade quase destruída pelo aluvião andino.

Dos bosques ribeirinhos da cidade, antes do formidável deslizamento de lama, saíram animais de quatro pés, pássaros e víboras, assustados, para o rio; estes, acima de tudo, correndo pelas ruas e pomares, encheram os habitantes de mais terror... Grande confusão e pânico reinava na cidade... O povo, acima de tudo as senhoras idosas, chorava de medo. Acreditavam que

⁵ No original em espanhol: “[...] representación geográfica de la Amazonía, sin olvidar la cosmovisión y el sentimiento de sus habitantes. [Y] su importancia gravita en permitirnos conocer el imaginario y las categorías propias del pensamiento amazónico” (In: IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 25, tradução minha).

⁶ No original em espanhol: “A pesar de todo, Romelia alentaba una recôndita esperanza de salvación. No sabía cómo, pero alentaba esa esperanza”.

algum castigo sobrenatural estava ocorrendo e que a enchente do rio era apenas o início da desgraça... Na igreja, os sinos tocavam com ânsia de rezar, espalhando na atmosfera a emoção de um terror mais misterioso; todos, crianças e adultos, ajoelharam-se nas ruas e dirigiram suas orações ao Altíssimo... (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 103, tradução minha)⁷

2. DESASTRES DAS ÁGUAS NA AMAZÔNIA PERUANA: FRATURAS GRAVES PORÉM REVERSÍVEIS

Conforme exposto anteriormente e exemplificado com a citação acima, tanto em **La Llocllada** como em **Cielo sin nubes** a experiência do sujeito amazônico, sua mundivivência demarcada entre o rio e a floresta, é fraturada pelos desastres das águas. Cabe-nos refletir doravante sobre a extensão material e psicossocial dessas fraturas no espaço-tempo das duas narrativas, e defender a hipótese apresentada neste trabalho – a de que elas se inscrevem sob o signo do desastre e não sob o da catástrofe na escrita literária de Izquierdo Ríos. Mas tal análise demanda primeiramente uma reflexão sobre o *modus vivendi* do sujeito que figura nos dois contos – nos quais está delineado de maneiras distintas, conforme assinalado – e cujo esteio principal, a própria viga-mestra, é o extrativismo primário. Trama das relações sociais e de produção, modo mais simples e rústico de fazer com que os recursos naturais gerem riqueza, como assinala Allison Leão (2008), o extrativismo também gera importantes efeitos simbólicos nos contos em análise. Senão vejamos.

Em **Cielo sin nubes**, ao retornar da caçada, Feliciano Cárdenas encontra debaixo d'água a próspera chácara que erguera com sua força de trabalho, a mulher e os filhos refugiados na copa de uma árvore juntamente com animais selvagens – homens e bichos aterrorizados diante da iminência da morte. Mas horas antes o cenário naquele afluente do Rio Huallaga era outro. O sítio de Feliciano era uma terra produtiva onde

Ele plantou café, cacau, bananas, mandioca, milho, cana, vela-de-bruxa, árvores de fruta-pão. Também organizou a criação de galinhas e porcos [...]. A caça e a pesca completavam a subsistência da família. Com uma carabina Winchester no ombro, Feliciano ia para a floresta e retornava com presas abundantes. O rio, sempre cheio de peixes, era uma despensa inesgotável [...]. (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 506, tradução minha)⁸

⁷ No original em espanhol: “De los bosques ribereños de la ciudad, ante la formidable llocllada, salieron, espantados, a aquella, cuadrúpedos, aves, víboras; estas sobre todo, al correr por las calles y huertas, llenaban de más terror a los pobladores... ¡Gran confusión y pánico reinaba en la ciudad... Las gentes, sobre todo las viejecitas, lloraban de miedo; creían que algún castigo sobrenatural se producía y que la llocllada del río era el principio de él... En la iglesia, las campanas no cesaban en su afán de plegaria, desparramando en el ambiente la emoción de un terror más misterioso; todos, niños y adultos, se arrodillaban en las calles y dirigían sus peces al Altísimo...”

⁸ No original em espanhol: “Sembró café, cacao, plátanos, yuca, maíz, caña, barbasco, árboles del pan. Organizó, asimismo, la cría de gallinas y cerdos [...]. La caza y la pesca completaban las subsistencias de

Num átimo, o cotidiano deste sujeito amazônico fora virado pelo avesso. Ele e a família já não tinham casa para morar nem plantios para colher. A maioria de seus animais de estimação morreram afogada. E nos ermos onde viviam ninguém viera socorrê-los ou velar por eles, nenhum aparato de emergência lhes dera suporte. O Estado, que deveria ter presença permanente, é ausência flagrante na Amazônia peruana. Suas vidas são invisíveis, o que expõe sua própria humanidade ao esvaziamento (BUTLER, 2019). Nesse sentido, aliás, **Cielo sin nubes** denota que o extrativismo, mais do que um modo de sobrevivência, é uma “condição de destino” imposta ao caboclo amazônico por forças exógenas que ele próprio desconhece, e com as quais não pode lutar.

É fato que no caso de Feliciano Cárdenas, além de executar as atividades tipicamente extrativistas que lhe davam subsistência em sua chácara – a pesca, a caça, o plantio agrícola, a coleta florestal –, ele era um vendedor bissexto de pescado na cidade mais próxima, Yuma, em cuja beira-rio também comercializava café, açúcar mascavo e rapadura produzidos em sua chácara. Inclusive “sonhava ter seus filhos educados nas escolas de Yuma. Especialmente o animado Feliciano, que – por que não? – poderia ainda tornar-se médico, advogado, engenheiro, em Lima, na remota Lima. Para isso ele trabalhava, e continuaria a trabalhar com a mesma determinação” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 506, tradução minha).⁹

Observemos, portanto, que Feliciano Cárdenas é um ribeirinho amazônico que já se movimenta ocasionalmente dentro do perímetro da civilização, e isso o faz almejar uma “condição de destino” para os filhos que não seja a mesma que lhe foi imposta – a do extrativismo. Entre a floresta e a cidade, Cárdenas e sua família figuram numa posição ambivalente que terá de definir-se pela primeira ou pela segunda, como lugar de viver, quando o desastre das águas deglutir suas fontes de sustento. Migrar para a cidade, como vimos, é uma possibilidade considerada pelo ribeirinho. Mas não dar fecho a esse possível movimento migratório, deixá-lo em aberto para que o leitor elabore seu próprio epílogo de **Cielo sin nubes**, é um dos trunfos diegéticos do conto de Izquierdo Ríos. E também fica a critério do leitor e do analista literário tirar conclusões a respeito da extensão das fraturas impostas pelos fenômenos das águas no espaço-tempo da narrativa. Elas serão reversíveis ou irreversíveis tanto no plano material como no psicossocial? Ficarão no âmbito do desastre ou adentrarão o marco da catástrofe? Já antecipei a minha hipótese a respeito, e logo a defenderei.

Agora falemos sobre as figurações do extrativismo em **La lloclada**. Este conto acentuadamente imagético apresenta Saposoa como uma comunidade andino-amazônica cravada entre o rio, a floresta, a cordilheira e emoldurada por um cinturão extrativista que se estende até onde o *poblador ribereño* é capaz de domar a natureza. Embora para isso não lhe falem determinação e resistência às intempéries, seus instrumentos tecnológicos são limitados. Ele vive basicamente do cultivo agrícola, da pesca, da caça e da coleta, atividades de subsistência cujas

la familia. Carabina Winchester al hombro, Feliciano internábase en el bosque y regresaba con abundante presa. El río, sumamente poblado de peces, era una despensa inagotable.”

⁹ No original em espanhol: “Soñaba con hacer educar a sus hijos en los colegios de Yuma. Sobre todo al vivísimo Feliciano, quien —¿por qué no?— aún podría llegar a ser médico, abogado, ingeniero, en la remota Lima. Para eso trabajaba, seguiría trabajando con el mismo empeño”.

ciclos e variantes sazonais ajudam a demarcar a sua própria experiência do espaço e do tempo. E quando a *llocllada* desce as encostas andinas em forma de aluvião, para além das vidas humanas e silvestres que ceifa, uma de suas mais desastrosas consequências é exatamente a destruição do cinturão extrativista de Saposoa.

Plantios de banana, campos de algodão, canaviais estavam totalmente alagados, assim como as grandes árvores submersas pelas águas barrentas. [...] Um cheiro denso de lama pendurado no ar... Foi um espetáculo grande e aterrador, aquela loucura!... O rio continuou a crescer e a crescer; no meio dele, onde a força da corrente era maior, passavam grandes paliçadas, todo o tipo de animais afogados: [...] o gado das fazendas, as galinhas, as imensas árvores arrancadas das suas raízes pela fúria das águas, cujos ramos verdes podiam ser vistos a uma grande distância das suas raízes; cabanas de quintas, ninhos de aves, troncos de bananeiras...” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 101-102, tradução minha).¹⁰

Se algum lucro houve com a *llocllada* foi somente o do pescaria farta. Os peixes morriam aos milhares asfixiados nas águas barrentas ou debatiam-se atarantados no lodo, e eram colhidos ainda frescos para consumo humano. De fato, o escritor Carlos Tafur Ruiz (2013) relata que as inundações de aluvião de média e baixa intensidade não são apenas momento de agrura, mas também de fartura, para os ribeirinhos pobres da região de San Martín, na Amazônia peruana, por operarem o “milagre” da multiplicação dos peixes. Porém a *llocllada* terrível e grandiosa da narrativa de Izquierdo Ríos foi diferente. Impôs violentas fraturas à comunidade, que ficou sem água limpa por dias seguidos.

E durante muito tempo sofreu escassez de alimentos, porque, quando a *llocllada* passou, todas as explorações agrícolas, que na sua maioria estão abertas às margens do rio Saposoa, tinham sido devastadas; todas elas foram enterradas por pilhas de lama vermelha brilhante” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 103, tradução minha).¹¹

¹⁰ No original em espanhol: “Plantanales, algododonales, cañaverales estaban totalmente anegados, así como los grandes árboles emergían apenas de las aguas barrosas. [...] Un denso olor a barro flotaba en el ambiente... ¡Fue un espectáculo grandioso y terrorífico esa llocllada!... El río seguía creciendo y creciendo; por la mitad de él, donde la fuerza de la corriente era mayor, pasaban grandes palizadas, toda clase de animales ahogados: [...] ganados ahogados de las haciendas, gallinas, inmensos árboles arrancados de cuajo por la furia de las aguas, cuyos verdes ramajes se distinguían a gran distancia de sus raíces; chozas de las chacras, nidos de aves, troncos de plátanos...”

¹¹ No original em espanhol: “Y por mucho tiempo sufrió escasez de víveres, pues, cuando pasó la llocllada, todas las chacras, que en su mayor parte son abiertas a las orillas del río Saposoa, habían sido devastadas; todas ellas quedaron sepultadas por montones de lodo rojizo y brillante”.

Daí eu infiro que o extrativismo que proporcionava a Saposoa sua precária autossustentabilidade também figura, no conto, como signo do isolamento e da exclusão impostos à pequena comunidade amazônico-andina. Em outras palavras, sem excedentes para ofertar no mercado regional, nacional ou transnacional de produtos e serviços, é como se ela nem existisse no mapa.

É importante assinalar ainda que, além das fontes materiais de subsistência, naquele dia funesto de setenta anos antes a “inundação formidável dos rios com o desabamento dos picos das montanhas”¹² (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 107, tradução minha) também fraturou a experiência do tempo. E o fez estabelecendo um tenebroso marco divisor na história da comunidade, sem o qual ninguém poderá reconstitui-la e contá-la às gerações seguintes. Um trauma a ser perlaborado e ressignificado geração após geração. Um esforço coletivo que demandará estratégias de memória como o exercício de recordação empreendido pelo narrador – exercício tão doloroso quanto necessário, e até mesmo pedagógico, para toda a comunidade.

3. VIDA PRECÁRIA E INVISÍVEL NA HOYA AMAZÓNICA

Se ainda figura numa moldura pré-capitalista nos contos de Francisco Izquierdo Ríos analisados neste trabalho, o extrativismo mudará de escala com a incorporação da Amazônia ao capitalismo tardio de base industrial, financeira e tecnológica que transformará suas matérias-primas em *commodities* para o mercado internacional ao longo do século 20 e já no 21. Um processo agenciado como matéria literária, por exemplo, em romances como **Galvez, imperador do Acre**, de Márcio Souza (1982); **Os anões**, de Haroldo Maranhão (1983); **Cinzas do Norte**, de Milton Hatoum (2005); e também nos contos de João Meirelles Filho (2017) reunidos na coletânea **O abridor de letras**, isto para ficar apenas no âmbito da expressão literária amazônica em língua portuguesa.¹³ Em diferentes gradações, ou seja, do extrativismo primário ao extrativismo em escala industrial, esse tem sido o *modus operandi* de produzir riqueza vigente desde a colonização luso-espanhola do que hoje chamamos de Pan-Amazônia, iniciada no século 16. A propósito, também é digno de nota o quanto a Amazônia Andina de Izquierdo Ríos ainda perlabora o trauma colonial. Alguns de seus contos – e **Elvira de Aguirre** é apenas um deles – tematizam a sangrenta dominação espanhola. E a resistência da memória à barbárie do colonizador europeu decerto ajuda a explicar por que a *Hoya amazónica* que figura em sua escrita ficcional não perdeu a própria aura – no sentido benjaminiano do termo –, a sua face original, com tudo o que isso implica em idealização da paisagem e do homem, bem como em filiação a um regime mimético de representação e a uma estética neonaturalista e regionalista

¹² No original em espanhol: “Formidable crecida de los ríos con derrumbe de cerros em sus techos”.

¹³ Em língua espanhola também merecem destaque, dentre outros, os romances colombianos **A voragem**, de José Eustasio Rivera (1924 [1982]), e **A neve do almirante**, de Álvaro Mutis (1986 [2006]), os quais tematizam a escalada do modo de produção capitalista na Amazônia, em diferentes temporalidades.

modulada pela tradição dos povos originários e das populações migrantes estabelecidas na planície.

A análise de **La Illocllada** e **Cielo sin nubes** denota, particularmente, que no espaço-tempo dessas duas narrativas a Amazônia Andina de Izquierdo Ríos resiste à civilização do capital numa temporalidade fraturada e deslocada. A modernidade que vige além de sua redoma selvática ainda não escalou suas encostas nem desceu os seus vales. Um tempo morto num espaço onde a experiência do sujeito é cindida ciclicamente por desastres das águas, como já observamos, mas que nem de longe constituem o que de pior lhe pode suceder em sua mundivivência. Veremos adiante que a catástrofe propriamente dita ainda está por vir no curso do processo civilizatório. Mas, ainda que os contos de Izquierdo Ríos inscrevam-se no âmbito do desastre, Quarantelli (2015) admoesta:

Um desastre não é um acontecimento físico. [...] trata-se de um acontecimento social. Assim não é apropriado falar de desastres “naturais” como se pudessem existir fora das ações e decisões dos seres humanos e suas sociedades (curiosamente esse aspecto é sempre reconhecido no caso de desastres tecnológicos). Por exemplo, *inundações, terremotos e outros chamados de “agentes naturais” de desastres têm consequências sociais somente por causa das atividades desenvolvidas pelas comunidades antes, durante e após o impacto de um desastre*. Permitir altas concentrações de densidade populacional em planícies de inundação, construir estruturas não resistentes ou não reforçadas contra terremotos, permitir habitação em encostas vulcânicas, fornecer informação ou sinal de alerta inadequados em caso de tsunamis, por exemplo, constituem casos mais graves do que o agente do desastre em si, pois causa *vítimas, perdas econômicas e patrimoniais, tensão psicológica e interrupção de atividades cotidianas que são a essência dos desastres*. As características das ocasiões de desastre do passado, do presente e do futuro se originam a partir de fatores sociais. (QUARANTELLI, 2015, p. 41, grifos meus)

O que se observa na escrita de Izquierdo Ríos é que o sujeito amazônico está desprovido de toda e qualquer cobertura, suporte ou orientação para lidar com os fenômenos das águas. Ele foi olvidado, relegado a uma vida precária em suas palhoças, cabanas e sítios ribeirinhos onde atravessa os dias e as noites com pouca ou nenhuma garantia de direitos. Em **La Illocllada** não há nota de prevenção nem indicativo de socorro a uma comunidade que passa por uma situação-limite. Uma das mais graves consequências da avalanche monstruosa, por exemplo, é que em curto prazo ela impõe fome e sede à população. Além disso, “logo, muitas doenças assolaram a cidade [...]” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 104, tradução minha).¹⁴ Ainda assim, nenhuma rede de proteção social pública ou privada se estabelece para prover víveres, roupas e medicamentos às vítimas do desastre. Nenhum tipo de solidariedade externa tem visibilidade na narrativa. Nenhum apoio de emergência.

¹⁴ No original em espanhol: “Luego, muchas enfermedades asolaran a la ciudad”.

E se nos perguntamos o porquê disso só podemos concluir que, no espaço-tempo amazônico, direitos fundamentais como o direito à vida e à segurança não são reconhecidos, ou, pior ainda, são negados ao sujeito invisível e não enlutável que vive precariamente nos confins da floresta. E o que é a negação de direitos, enquanto estratégia de despojamento do sujeito, senão uma (anti)política para a morte? Que diferença faz para os agentes do poder político e econômico nos grandes centros que morram duzentos, quinhentos ou mil ribeirinhos vitimados por aluviões em uma paragem longínqua da Amazônia da qual muitos sequer terão ouvido falar? “E daí? Assim como se nasce, se morre. É o curso natural da vida”, dirão alguns, ditando uma regra que decerto terá peso e medida diferentes para sujeitos mais visíveis e “dignos”, talvez, de obituários. Como assinala Judith Butler,

[...] se essas vidas permanecerem inomináveis e impossíveis de serem enlutadas, se elas não aparecerem em sua precariedade e em sua destruição, não nos comoveremos. Não retornaremos a um sentimento de indignação ética que, distintamente, por um Outro, em nome de um Outro. Não somos capazes, sob condições contemporâneas de representação, de ouvir o grito agonizante ou de ser compelidos ou comandados pelo rosto [do outro]. (BUTLER, 2019, p. 181)

Compreendemos, portanto, que a vida precária do sujeito amazônico nos contos de Izquierdo Ríos, uma vida invisível e não enlutável que adquire aos poucos os contornos da morte, é menos devedora de *lloclladas* e grandes enchentes sazonais – nos termos da Sociologia do Desastre de Quarantelli (2015) – do que de sua exclusão dos círculos seletivos da nação peruana e da civilização ocidental. Mas talvez seja possível que ao contrário da comunidade de Saposoa, que parece não ter conexão com o resto do mundo, Feliciano Cárdenas, o inventivo ribeirinho de **Cielo sin nubes**, venha a romper esse ciclo de exclusão. Diante de mais uma avalanche que destrói sua herdade e sua faina, Cárdenas está consciente de que ninguém velará por ele e por sua família nos confins onde vivem, “[...] um ermo da Selva Alta, na bacia do Huallaga” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 505, tradução minha).¹⁵ Por isso ele imagina que talvez seja melhor migrar para Yuma. Nada lhe assegura, todavia, que em ambiente urbano terá garantidos os direitos jamais alcançados em sua vida de isolamento na floresta. É bem verdade que a prospecção da novelística urbana de Izquierdo Ríos oferece pistas do que poderá acontecer a este esperançoso ribeirinho. Em **Días oscuros** (1950) [**Chove em Iquitos**, na tradução brasileira de 1975], o personagem principal é um professor que vive numa pequena cidade rodeada pela selva no interior do Peru. O ambiente agressivo e insalubre faz a esposa adoecer. A narrativa focaliza as agruras por que o casal passa em busca de tratamento para a mulher (IZQUIERDO RÍOS, 1975; ÁLVAREZ, 2019). Ou seja, o acesso à vida, à saúde e à segurança, quando existe, é precário. Armando Camacho Álvarez (2019, p. 60) anota que, ao migrar do mundo rural para o urbano em sua própria escrita literária, Izquierdo Ríos “[...] conta

¹⁵ No original em espanhol: “Una hoyada de la Selva Alta, dentro de la cuenca del Huallaga”.

como a cidade começa a aparecer como uma deformidade ou uma vergonha para o homem civilizado por povoá-la à sua maneira e sem cuidar daqueles que antes viviam na área, ainda mais quando a era da borracha e seus fluxos de dinheiro deixam uma cidade abandonada à sua sorte” (tradução minha).¹⁶ Portanto, no romanceiro urbano do autor, como também se verá em **Belén** (1971), a pobreza, a marginalização de minorias e a desigualdade econômica e social acentuada nos meios rural e urbano figuram em primeiro plano. Daí a conclusão de que na ficção de Izquierdo Ríos, em sua dupla face rural-ribeirinha e urbana, o despojamento de direitos do sujeito amazônico é prática corrente como estratégia biopolítica para submetê-lo a uma vida precária. Uma vida que, excluídos os direitos fundamentais que deveriam ampará-la, se faz descartável, não enlutável e não memorável. É deste modo que uma escrita da catástrofe, da barbárie e da morte já se prefigura na ficção de Izquierdo Ríos. Mas, como sugeri anteriormente, nos dois contos estudados o autor peruano ainda mantém suas narrativas no marco do desastre. Vejamos por quê.

4. MORTE ANUNCIADA, MAS AINDA NÃO CONSUMADA, DO SUJEITO AMAZÔNICO

A mais tradicional noção de catástrofe no pensamento filosófico talvez fosse suficiente para inscrever **La Illocllada** e **Cielo sin nubes** em seu âmbito. Como assinala Nicola Abbagnano (2007, p. 120-121), esse conceito sempre esteve relacionado a “qualquer teoria que procure explicar o desenvolvimento de uma realidade mediante reviravoltas radicais e totais que ocorreriam periodicamente”. Porém essa definição clássica – a de catástrofe como ruptura, circunscrita a acontecimentos drásticos fora da curva da normalidade, calcada na excepcionalidade de fenômenos de ordem principalmente cosmológica – mudou ao longo do tempo. Reformulou-se para melhor traduzir o contexto da modernidade. Como anota Seligmann-Silva (2000),

Walter Benjamin foi quem – antes do Holocausto – primeiro percebeu a terrível necessidade e atualidade de “uma definição do presente como catástrofe” (*Definition der Gengerwart als Katastrophe*). Como pode-se ler na sua famosa tese número nove “Sobre o conceito da história” – que descreve o “anjo da história” vendo o acumular-se de ruínas como resultado “de uma única catástrofe” – para Benjamin não havia dúvidas de que não apenas o presente é catástrofe – “que ‘continue assim desse modo’ é a catástrofe” – mas também que “a catástrofe é o progresso, o progresso é a catástrofe”. (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 87)

¹⁶ No original em espanhol: “Relata que la ciudad empieza a aparecer como una deformidad o un embeleo del hombre ‘civilizado’ por poblar a su manera y sin atender a quienes vivían anteriormente en la zona, más aún cuando la época del caucho y sus flujos del dinero, dejan una ciudad abandonada a su suerte”.

Com Walter Benjamin (2012), portanto, o conceito de catástrofe atualiza-se. Adentra a contemporaneidade. Incorpora a experiência do choque, isto é, o enfrentamento cotidiano do perigo no mundo moderno, e perde o caráter excepcional. Esse movimento teórico em sua filosofia política aproxima Benjamin da dialética materialista de Karl Marx e Friedrich Engels. Ambos haviam tomado, já no século 19, a catástrofe da modernidade como decorrente das novas relações sociais e de produção da economia capitalista, intuindo, deste ponto de vista, a barbárie que se abateria sobre a civilização no século 20 (LÖWY, 2002). Porém essa é uma discussão tão ampla que extrapola, largamente, os objetivos deste trabalho.

Atenho-me, para efeito da análise literária dos contos de Izquierdo Ríos, a propor que a catástrofe da modernidade, tal qual definida por Benjamin e delineada a partir do marco da barbárie, como foi dito anteriormente, não vige no espaço-tempo de **La llocllada** e **Cielo sin nubes**. E se não vige é porque, como também já assinalei, a modernidade capitalista ainda não rompeu a redoma selvática da Bacia do Rio Huallaga, no extremo ocidental da “cuenca”, onde vivem Feliciano Cárdenas e sua família, bem como a comunidade da “florida e bela” Saposoa. Seu estado ainda é o de potência. Uma catástrofe em devir. Isso porque no espaço-tempo das duas narrativas as novas relações sociais e de produção impostas pela cultura da mercadoria já sobem a contracorrente do Rio Amazonas – o Ciclo da Borracha entre 1880 e 1912 é apenas o primeiro impulso da nova ordem capitalista na região –, o que vai se refratar posteriormente na produção literária moderna e contemporânea da Pan-Amazônia, conforme já assinalamos.

Mas voltando aos contos em análise, e com eles ao marco epistemológico do desastre, o que podemos observar em **La llocllada** e **Cielo sin nubes** é que as fraturas impostas pelos fenômenos das águas paulatinamente vão se recompor, como feridas que aos poucos cicatrizam e dores que amenizam. Ainda restam, tanto no plano material como no psicossocial, alternativas e esperanças para Feliciano Cárdenas, Romélia, os filhos do casal e toda a comunidade de Saposoa. Embora não nos seja dado saber aonde e como vai recomeçar a vida, se voltando à chácara no Huallaga ou migrando para a cidade, se mantendo a condição de agricultor-pescador ribeirinho ou transformando-se de vez em pequeno comerciante na cidade, o voluntarioso e industrioso Feliciano promete à esposa e no fundo a si mesmo, ao contemplar as primeiras estrelas quando atraca em Yuma:

- Não tenha medo – disse ele, sua mão sobre o ombro do menino.
- Vamos começar de novo.
- Sim, Feliciano! – respondeu Romélia com firmeza, segurando a assustada Aguedita nos braços. (RIOS, 2010, p. 509, tradução minha)¹⁷

¹⁷ No original em espanhol:

“—No temas —le dijo aquel, con la mano sobre el hombro del niño—. Empezaremos de nuevo.
—¡Sí, Feliciano! —le contestó ella resueltamente, con la asustada Aguedita en los brazos.”

Conforme assinalado anteriormente, o destino do sujeito amazônico, representado por Izquierdo Ríos em Feliciano e sua família, fica em aberto. O que vai ser dele não se sabe, embora possamos imaginar. Ele tem, por ora, para onde ir e com quem contar; talvez parentes, amigos e compadres. O desastre hidrológico na Bacia do Rio Huallaga – não o primeiro nem o último – fraturou profundamente as bases materiais e as estruturas psicológicas e simbólicas de sua existência, mas não a inviabilizou por completo. Feliciano, Romélia e os filhos estão vivos. E ao atracar em Yuma eles tomam a maior distância possível da sombra da morte.

Quanto à comunidade de Saposoa, se no tempo da narrativa a cidade estava praticamente debaixo d'água e também exalava odores de morte, no tempo da enunciação de **La llocllada** voltara – havia muito – a ser “florida e bela”. É verdade que “uma llocllada na Amazônia deixa atrás de si uma paisagem de infinita desolação...” (IZQUIERDO RÍOS, 2010, p. 104, tradução minha),¹⁸ mas subjaz na textualidade do conto uma certeza: depois de o fenômeno cumprir seu próprio ciclo, as águas voltam ao nível normal, a lama e o lodo aos poucos se diluem, as casas são reformadas, as choças ribeirinhas reconstruídas, os plantios refeitos, as igrejas e as escolas reabrem, a flora e a fauna revivescem. Tudo sob o esteio de uma vontade de potência coletiva que ata os sujeitos, intersubjetivamente, dentro do marco da alteridade e da solidariedade. A interrogação que fica, e que dá fecho a este exercício de análise literária, é até quando Saposoa resistirá às correntes e influências exógenas que um dia romperão sua redoma selvática, integrando-a a uma civilização que tem a catástrofe como princípio ativo, e a exceção e a barbárie como efeitos colaterais de sua própria trama sociopolítica.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo fazer a análise literária dos contos **La llocllada** e **Cielo sin nubes** do escritor peruano Francisco Izquierdo Ríos (2010), ambientados na Amazônia Andina. O referencial teórico utilizado foi o conceito de desastre, que tem como marco empírico e epistêmico a alteridade e a solidariedade entre os sujeitos sociais.

Com base em autores como Quarantelli (2015), Seligmann-Silva (2000) e Sarmiento-Pantoja (2014), arguimos que o conceito de catástrofe, mesmo diretamente relacionado ao de desastre, excede o âmbito dos efeitos materiais e psicossociais provocados pelos fenômenos das águas no espaço-tempo das duas narrativas estudadas. Isto porque o seu marco é outro – o da exceção do direito e da barbárie instaurados na modernidade tardia.

Concluimos que os efeitos dos fenômenos das águas em **La llocllada** e **Cielo sin nubes**, embora graves, são reversíveis. Ou seja, as fraturas provocadas no *modus vivendi* do sujeito amazônico, bem como em suas representações simbólicas

¹⁸ No original em espanhol: “Una llocllada en la Amazonía deja, pues, tras sí un paisaje de infinita desolación...”

da realidade em que vive, incluindo as operações de memória, são passíveis de recomposição – feridas que ainda podem cicatrizar no corpo social.

Anotamos, por fim, que a “escrita do desastre” de Francisco Izquierdo Ríos dá visibilidade a sujeitos que vivem de maneira precária e invisível numa temporalidade deslocada, protocapitalista, à margem da própria nação peruana e da civilização ocidental. E inferimos que na textualidade de **La llocllada** e **Cielo sin nubes** falta pouco para que a narrativa de suas vidas migre do âmbito do desastre para o da catástrofe – apenas o tempo necessário para que a trama das relações sociais e de produção da economia de mercado adentre o mundo recuado onde eles insistem – e resistem – em sobreviver.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014 p.

ÁLVAREZ, Armando Camacho. **La novela urbana amazónica y los câmbios en la representación de los Espacios y sujetos de la Amazonía**. 2019. Tesis (Maestría en Estudios Amazónicos) – Universidad Nacional de Colombia sede Amazonía, Leticia, Colombia, 2019.

ARGUEDAS, José María. **Os rios profundos**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 316 p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Vol. I. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. 271 p.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Andreas Lieber. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 190 p.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 311 p.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2013. 322 p.

HOLGUÍN, Diego González. **Vocabulario de la Lengua General de todo el Perv llamada Lengua Qquichua, o del Inca**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1952. 426 p.

LEÃO, Allison. **Representações da natureza na ficção amazonense**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VARGAS LLOSA, Mario. **O falador**. 3. ed. Trad. Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 215 p.

VARGAS LLOSA, Mario. **Pantaleão e as visitadoras**. Trad. Ari Roitman, Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 246 p.

LÖWY, Michael. Barbárie e modernidade no século XX. *In*: BENSÁID, Daniel; LÖWY, Michael. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000. p. 46-57.

MARANHÃO, Haroldo. **Os anões**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 191 p.

MEIRELLES FILHO, João. **O abridor de letras**. Rio de Janeiro: Record, 2017. 143 p.

MUTIS, Álvaro. **A neve do almirante**. Trad. Luiz Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Record, 2006. 209 p.

NASCIMENTO, Lilian. **Tradução comentada de Belén, de Francisco Izquierdo Ríos, para o português brasileiro**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo e realidade na literatura: um modo de ver o Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. 282 p.

QUARANTELLI, Enrico Louis. **Uma agenda de pesquisa do século 21 em ciências sociais para os desastres: questões teóricas, metodológicas e empíricas, e suas implementações no campo profissional**. Trad. Raquel Brigatte. *O social em questão*, ano XVIII, n. 33. Rio de Janeiro, 2015. p. 25-56.

IZQUIERDO RÍOS, Francisco. **Chove em Iquitos**. São Paulo: Clube do Livro, 1975. 159 p.

IZQUIERDO RÍOS, Francisco. **Cuentos: Obra completa, Tomo I**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2010. 666 p.

RIVERA, José Eustásio. **A voragem**. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 237 p.

TAFUR RUÍZ, Carlos. **La Illocllada: relatos**. Lima: Trazos, 2013. 67 p.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. **Catástrofe: manual do usuário**. *In*: SARMENTO-PANTOJA, Augusto; UMBACH, Rosani. SARMENTO-PANTOJA, Tânia (Orgs.).

Estudos de Literatura e Resistência. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 159-183.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *In.*: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). **Catástrofe e representação: ensaios.** São Paulo: Escuta, 2000. 264 p.

SOUZA, Márcio de. **Galvez, imperador do acre.** São Paulo: Círculo do Livro, 1982. 214 p.

Para citar este artigo

SOUZA, I. L. de. Desastres das águas na amazônia peruana em dois contos de Francisco Izquierdo Ríos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 47-64.

O autor

IRISVALDO LAURINDO DE SOUZA é doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA, 2021-2024). Mestre em Estudos Literários (PPGL/UFPA, 2021). Bacharel em Comunicação Social (UFPA, 1990).